

JÚLIA ALVES LOUZADA BOAVENTURA

JOÃO LOURINDO: RAIZ DO BUIEIÉ

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Fevereiro de 2014

JÚLIA ALVES LOUZADA BOAVENTURA

JOÃO LOURINDO: RAIZ DO BUIEIÉ

Memorial de projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador (a): Prof^a Laene Mucci Daniel

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Fevereiro de 2014

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a toda a comunidade do Buieié, por ter permitido que este trabalho fosse realizado, e ao “seu” João, que se tornou, para mim, um amigo, revelando-se não como o protagonista dessa história, mas também como um personagem importante da minha vida.

Agradeço também a minha família: meus pais Lucilene e José, minhas irmãs Nathália e Helena, minha prima-irmã Maria Gabriela, pelo apoio e amor incondicionais que constantemente dedicam a mim. Vocês foram e sempre são essenciais na minha formação pessoal! A minhas avós e avôs, tios, tias e primos pelo carinho excepcional.

A todos os meus amigos, da escola à graduação, que continuamente estiveram ao meu lado e me mostraram o valor da amizade verdadeira e sincera.

Sou grata à minha orientadora, Laene Mucci Daniel, por me conceder a liberdade para que eu conseguisse me ver refletida neste trabalho, e por todas as contribuições criativas e importantes que ela fez a este projeto.

Aos professores do curso pelo aprendizado que me forneceram durante esses quatro anos.

E, por último, mas de forma alguma menos importante, agradeço ao meu namorado, Eduardo, por sempre me oferecer uma parceria incrível e produtiva, pelo amor e cuidado que dedica a mim, por ter acreditado tanto quanto eu que este livro era possível, e por sua companhia incondicional em minhas visitas ao Buieié. Esse trabalho também é seu!

Muito obrigada a todos!

RESUMO

O livro *João Lourindo: Raiz do Buieié*, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, tem como objetivo revelar a rotina e a história de vida de João Lourindo, um dos moradores mais velhos da comunidade quilombola do Buieié, em Viçosa, Minas Gerais. Este livro fotodocumentário traz fotografias e um perfil literário, com a finalidade de provocar reflexões acerca da forma positiva com a qual esse homem encara a realidade e os problemas que vive diariamente. Além disso, este trabalho também explora a relação de apego profundo que João possui com o território no qual reside, aspecto singular este que também podem ser observado em grande parte da população do Buieié. As reflexões teóricas desenvolvidas durante o projeto abordam conceitos como fotografia, fotografia em preto e branco, fotojornalismo, fotodocumentário, jornalismo literário e perfil literário.

PALAVRAS-CHAVE: Fotodocumentário; Perfil Literário; Comunidade Quilombola.

ABSTRACT

This book *João Lourindo: Raiz do Buieié*, realized as a Final Project of the Course of Social Communication/Journalism of the Federal University of Viçosa, intends to reveal the routine and the life story of João Lourindo, one of the older residents of the maroon community Buieié, in Viçosa, Minas Gerais. This book photo documentary brings in order to provoke reflections about the positive way which this man faces the reality and the problems we live daily. Moreover, this work also explores the deep relationship that João has developed with his territory, singular aspect that can also be observed in most of the population of the Buieié. Concepts such as photography, photography black and white, photojournalism, photo documentary, literary journalism and literary profile were used for the theoretical development of this project.

KEY-WORDS: Photo Documentary; Literary Profile; Maroon Community.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	06
2- OBJETIVOS	09
2.1 Objetivos Gerais.....	09
2.2 Objetivos Específicos.....	09
3- JUSTIFICATIVA	09
4- REFERENCIAL TEÓRICO	11
4.1 Fotografia.....	11
4.2 Fotografia em preto e branco.....	12
4.3 Fotojornalismo.....	14
4.4 Fotodocumentário.....	15
4.5 Jornalismo Literário e Perfil Literário.....	17
5- METODOLOGIA	19
5.1 Técnicas.....	19
5.2 Equipamentos.....	23
5.3 Edição.....	23
6- RELATÓRIO TÉCNICO	23
6.1 Pré-produção.....	23
6.2 Produção.....	25
6.3 Fotografias.....	27
6.4 Texto.....	28
6.5 Diagramação e Elaboração de Conteúdo.....	29
6.6 Produto Final.....	29
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXOS	33

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, de acordo com a Secretaria Especial para a Promoção da Igualdade Racial (Seppir), existem cerca de quatro mil comunidades quilombolas no país, sendo que - segundo o site da Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPISP)¹ – elas estão presentes em pelo menos 24 estados (como Amazonas, Paraíba e Tocantins). Contudo, ainda que esses espaços estejam espalhados por todo o território nacional, o termo ainda é associado unicamente a lugares que, em sua origem, foram constituídos por escravos “fugidos”. O significado do vocábulo, porém, é muito mais abrangente, conforme afirma o site Observatório Quilombola²:

O termo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos no Brasil, fazendo referência a terras que resultaram da compra por negros libertos; da posse pacífica por ex-escravizados; de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravizados organizados em quilombos.

Em Minas Gerais, ainda de acordo com a CPISP, há aproximadamente 400 quilombos em 155 municípios - com destaque em concentração de comunidades nas regiões norte e nordeste do estado. Viçosa, localizada na Zona da Mata mineira, possui uma dessas comunidades: o Buieié - situado na zona rural do município, a aproximadamente, 14 quilômetros do centro da cidade. A comunidade se divide em duas áreas centrais: a parte baixa, que pode ser caracterizada com a região mais moderna, já que possui alguns estabelecimentos comerciais (como igreja, bar e mercearia), sendo que esta não é formada somente por pessoas negras; e a parte alta, popularmente conhecida como “Joãozinho”, que abriga unicamente as residências das famílias mais tradicionais e antigas do lugar.

Conforme afirma Pinto (2008), há cerca de 100 anos, as terras em que hoje se localiza o Buieié integravam uma fazenda de engenho de açúcar, de posse de Nanhá do Paraíso. No site da Paróquia de São Silvestre³, consta que a comunidade teria surgido no final do século XIX, em uma área doada pelo proprietário para seus escravos recém-libertos, que passaram a

1 Comunidades Quilombolas. **Comissão Pró-Índio de São Paulo.** Disponível em: <http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil.html>

2 O que é Quilombo. **Observatório Quilombola.** Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/oq/oquilombo.asp>>

3 Buieié. **Paróquia de São Silvestre.** Disponível em: <<http://www.paroquiasaosilvestre.xpg.com.br/buieie.htm>>

obter seu sustento por meio do cultivo de culturas de subsistência, criação de animais e prestação de serviços para a região. A partir daí,

(...) as terras foram sendo repassadas de pais para filhos, depois para os netos e, de geração em geração, a comunidade foi permanecendo ao longo dos anos. Neste processo de fixação dos ex-escravos, doravante homens e mulheres livres, se instaurou um processo denominado territorialização, que pode ser entendido como a reconstituição de uma cultura tradicional em terras já antes habitada em outras condições. No Buieieé pode-se dizer que houve uma *desterritorialização* parcial das pessoas moradoras da antiga fazenda e, logo após, uma *re- territorialização* também parcial, mas com uma configuração distinta, já que a partir desse último processo, as pessoas tornaram-se proprietárias dos seus espaços de vivências. (PINTO, 2008, p. 5)

Segundo Marcos Roberto Fialho, chefe do Departamento de Agricultura da Prefeitura Municipal de Viçosa – que atende à parte rural da cidade – atualmente existem cerca de 48 famílias (de aproximadamente cinco pessoas cada) morando nas duas áreas do Buieieé. Ou seja, o grupo é formado por 240 pessoas, em média. Os programas municipais que atuam na região são o Programa Saúde na Família (PSF) e a Assistência Familiar e Social. O atendimento é feito periodicamente, por meio de visitas à comunidade.

Na região alta do Buieieé, um morador se destaca não apenas por ser uma das mais pessoas mais antigas do local, mas por ser considerado por diversos residentes, como um “pai” da comunidade. Essa designação lhe foi atribuída por diversos fatores: além dos inúmeros auxílios que presta aos vizinhos e parentes, as pessoas o procuram pelo puro apreço de sentar em um banco e “prosear” com ele. Esse personagem é João de Deus Ferreira (79 anos), mais conhecido como João Lourindo, alvo de grande estima, admiração e respeito por parte da população do “Joãozinho”.

Além da figura paterna que assume para muitos moradores, João pode ser avaliado como a raiz do Buieieé. De acordo com o dicionário *Michaelis*, o termo *raiz* se refere a “origem, princípio, germe”; mas também pode ser associado à base, que sustenta e confere força àquilo que irá, mais tarde, crescer. E, durante a pesquisa de campo realizada neste trabalho, o que se pôde observar e apreender é que João Lourindo é exatamente isso para a comunidade na qual vive: é ele quem carrega, em si, a procedência histórica e simbólica de todo o Buieieé. Outro aspecto que também justifica a metáfora é o fato de ele, sozinho, personificar o começo do meu entendimento sobre este território quilombola. Por meio desse homem, pude ver e compreender, com mais clareza e sensibilidade, o lugar e as próprias

peessoas que estão ali inseridas - e a força e generosidade que esse povo carrega em cada sorriso sincero.

Por último, não se pode falar em raiz sem levar em conta a relação intrínseca que esta possui com a terra. E, novamente, isso se espelha em João Lourindo, que enxerga no seu território mais do que somente o significado de posse. Ele acredita que o seu lugar é o “*sine qua non*” (expressão em latim que significa “*sem o qual não pode ser*”) de sua existência. E esse sentimento é compartilhado por grande parte dos moradores do “Buieieé do Alto”, como afirma Pinto:

Entre os “*nascidos e criados na comunidade*” as terras foram repassadas de geração em geração até chegarem às mãos dos atuais proprietários, pela via hereditária. Especialmente entre os nascidos na comunidade, o desejo de dela não sair esteve relacionado à valorização e identificação daquelas terras como uma forma de continuidade da própria família, através da herança. Sobretudo, entre os mais velhos, a terra conta a história de suas vidas, que é também a história de seus antepassados. Quando falavam desse passado, a memória os remetia às raízes histórias de um período de luta e de sofrimento relacionado aos seus antepassados. Nesse sentido, a terra era vista como um lugar a ser preservado, mais do que unicamente um meio de produção. (PINTO, 2008, p. 8)

Em um trabalho jornalístico, não é incomum ver a associação de textos e imagens como formas de noticiar um acontecimento. Assim, são produzidas matérias que não apenas contam uma história por meio de palavras, mas também a ilustram através de imagens. Com o fotodocumentário, essa noção de confirmação da realidade utilizando-se fotografias é estendida, já que,

na verdade, se bem observado, é possível constatar que o fotodocumentário jamais se ocupou somente de um real factual, já que nunca se configurou como mera realidade capturada, mas, sim, como transformação e atualização que se dá a partir do modo como o fotógrafo traduz na imagem. (SANTOS, 2012, p. 4)

Dessa forma, fez-se uso de um livro fotodocumentário para narrar, por meio de fotografias e um perfil literário, o cotidiano e fatos da vida de João Lourindo, morador da comunidade quilombola do Buieieé. O livro pretende fazer uso de recursos jornalísticos como a veiculação de informações e a documentação para mostrar que a forma com a qual esse homem vive e encara sua realidade é também compartilhada por inúmeros outros habitantes do lugar.

Neste trabalho, textos e imagens são utilizados para revelar uma perspectiva leve de assuntos complexos, como a pouca condição financeira, a falta de infraestrutura básica enfrentada pela comunidade e o trabalho pesado do campo. A reflexão teórica desenvolvida durante o projeto aborda os conceitos de fotografia, fotografia em preto e branco, fotojornalismo, fotodocumentário, ensaio fotográfico, jornalismo literário e perfil literário. As pesquisas utilizadas na produção deste livro ocorreram entre o final de 2013 e começo de 2014, em Viçosa, Minas Gerais.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral:

- Retratar, por meio de fotografias, a vida cotidiana de João Lourindo, um dos moradores mais velhos da comunidade quilombola do Buieié, localizada na região rural do município de Viçosa, na Zona da Mata mineira. Fazendo uso dessas imagens, objetiva-se demonstrar que as condições com as quais vive esse morador são um reflexo da realidade diária vivenciada por diversos outros moradores do local. Além disso, por meio da apresentação de um perfil literário sobre o personagem, pretende-se revelar o olhar leve e humilde que este tem sobre a vida e suas dificuldades. Para tal, se fará uso das técnicas e práticas do formato fotodocumentário como categoria e plataforma de relato jornalístico.

2.2. Específicos:

- Exercer o trabalho jornalístico por meio da produção de fotografias e entrevistas, além da confecção de um perfil literário sobre o personagem retratado;
- Por meio da apresentação de um perfil jornalístico escrito, pretende-se apresentar um relato paralelo àquele demonstrado nas fotografias, explorando outros aspectos da vida do personagem que não puderam ser expressos em imagens.
- Provocar reflexões acerca da forma com que João Lourindo vive e encara, de maneira extremamente positiva, sua realidade social.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha em produzir um livro fotodocumentário que abordasse, por meio de imagens e texto, o cotidiano, a personalidade e aspectos da vida de um morador da comunidade quilombola do Buieié, se justifica por meio de inúmeros fatores. Em primeiro lugar, durante a

pesquisa realizada no início deste projeto, notou-se a falta de registros - sejam eles textos ou produtos visuais - sobre essa comunidade e a forma de vida dos residentes. O que se encontra são artigos e linguagens textuais que abordam aspectos diversificados desse grupo, mas que acabam por se concentrarem em retratar o Buieie apenas como um lugar carente e, em certo ponto, alienado pela cidade onde está situado. Dessa forma, a função deste trabalho é exatamente o contrário: o que fica claro, por meio das fotos e texto, é que, apesar das dificuldades que a comunidade enfrenta, as pessoas de lá encaram a vida com fé, leveza e alegria.

O fotodocumentário foi selecionado como a categoria imagética adequada porque, “a fotografia documental pode ser pensada como um conjunto de imagens que forma uma narrativa cujos traços indiciais se deslocam de acordo com o olhar de cada fotógrafo.” (LOMBARDI, 2008). Dessa forma, esse gênero permitiu que se pudesse registrar essa realidade de acordo com aquilo que, em campo, pode-se observar e selecionar como aspectos fundamentais da comunidade e do personagem.

A escolha em registrar um único morador da comunidade para mostrar a realidade local se justifica pela minha própria percepção. O que se apreendeu em campo é que João Lourindo reúne, em si, as características mais imprescindíveis e particulares da comunidade. Dessa forma, a maneira como ele vive e encara as situações cotidianas é uma constante observada em diversos moradores do lugar.

Conforme afirmam Vilas Boas (2003) e Santos (2012), o fotodocumentário e o perfil são veículos jornalísticos que enfatizam o trabalho autoral e dão destaque às questões subjetivas a observação pessoal dos sujeitos que os produzem. A preferência em escrever um perfil, com linguagem literária, se justifica na aproximação que esta vertente causa entre a pessoa que está lendo e o personagem retratado por meio das palavras (VILAS BOAS, 2003). Assim, o leitor deste trabalho é conduzido à figura de João Lourindo e o universo no qual ele se insere.

As fotografias em preto e branco vêm de uma escolha pessoal, mas também conceitual, já que, por não possuir cores, ela impede que estas confundam o espectador e o afastem da informação central da imagem. As fotos monocromáticas

são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais

fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos. (FLUSSER, 1985, p.16).

Além disso, existe também uma justificativa pessoal para a criação do livro fotodocumental: eu sou apaixonada por fotografia e jornalismo literário. Assim, com o desenvolvimento deste trabalho, eu poderia me dedicar às minhas áreas jornalísticas preferidas, passando a entender melhor as particularidades e desafios em se transmitir informações e provocar reflexões e sensações através da veiculação de imagens e texto.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o desenvolvimento deste projeto, alguns conceitos se mostraram essenciais por oferecerem suporte teórico ao trabalho prático desenvolvido. Logo, definições como *fotografia*, *fotografia em preto e branco*, *fotojornalismo*, *fotodocumentário*, *ensaio fotográfico*, *jornalismo literário* e *perfil literário* são de suma importância para uma melhor compreensão do produto final.

4.1 Fotografia

A palavra “fotografia” deriva do grego antigo *fós* (luz) e *grafis* (estilo) e refere-se ao ato de *desenhar com luz e contraste*. Logo, ela é uma forma de criação de imagens por meio da exposição à luz, fixando estas em uma superfície sensível. A invenção da fotografia não se deve apenas a uma pessoa, já que diversos pesquisadores contribuíram com diferentes conceitos e processos. Um exemplo disso é o francês Joseph-Nicéphore Niépce, que conseguiu produzir a primeira fotografia da história, em 1826; ou Louis-Jacques Mandé Daguerre, que em 1837 desenvolveu o processo conhecido como *daguerreótipo*, que se consistiu na produção de uma imagem fotográfica sem negativo, utilizando placa de prata e vapor de iodo.

A fotografia não tem um só inventor, e sim um processo evolutivo que durante longos anos foi se aperfeiçoando. Nesse sentido, é uma junção de acontecimentos e descobertas, tendo como evento considerado importante o descobrimento da câmera obscura ou câmera escura. [...] Para entendermos o processo da fotografia temos que atentar que tudo funcionou através da luz, que pode ser refletida, absorvida e transmitida. (MORAES, 2012, p. 2)

Dessa forma, a fotografia tornou-se interessante para as pessoas devido ao fato de conseguir registrar, de forma fiel e visível, a realidade existente. Ela, então, ganha o “status”

de documento, e passa a ser vista como o simples “resultado de um elo perfeito entre as imagens e as próprias coisas do mundo, ou seja, como realidade efetivamente capturada”. (SANTOS, 2010).

Contudo, torna-se essencial perceber que esta modalidade compreende não apenas uma reprodução fiel e clínica dos fatos. Conforme aponta Santos, a fotografia, assim como qualquer gênero criativo, decorre de interpretações diversificadas e particulares daqueles que as criam, sendo, dessa forma, apenas uma das inúmeras formas de representação do real. “Não se trata de negar o valor de documento a que muitas vezes a fotografia serve, mas entender que ele nunca se dá aquém da representação, posto que a fotografia-documento é igualmente perpassada por processos subjetivos de criação.” (SANTOS, 2010).

Fotografar é, por consequência, selecionar momentos, ocasiões e personagens que julgamos relevantes e que acreditamos que merecem ser vistos. Partindo dessa concepção, podemos dizer que a fotografia é uma das inúmeras formas criadas pelo homem de narrar a realidade a seu próprio modo, fazendo uso de suas crenças, pensamentos, interesses e singularidades para retratar sua percepção social e mostrá-la a outros.

Outro aspecto ao qual se deve atentar nas fotografias é a sua capacidade de gerar significados próprios, estes influenciados pela forma com que o fotógrafo enxerga o mundo. “Aqui, relacionamos a imagem com seu potencial de representação ativo e produtivo em mais de um sentido, onde a representação, além de produzir objetos de que fala, produz sujeitos.” (LIMA e SILVA, 2007). Para Muriel Amaral, as imagens são também formadas por um discurso que lhes dá suporte, e este acaba determinando novos sentidos e interpretações, e não apenas reproduzindo narrativas pré-existentes (AMARAL, 2013).

Esse poder documental da fotografia, assim, é de extrema importância e valia, já que as pessoas possuem, cada vez mais, “o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa.” (SOUSA, 2000). Por meio das imagens, dessa forma, torna-se possível conhecer situações, pessoas e acontecimentos que estão muito distantes dos nossos olhos, mas que se aproximam de nós na medida em que são capturados pelas lentes da câmera.

4.2 Fotografia em preto e branco

A fotografia nasceu em preto e branco. Este fato se justifica pela dificuldade que os pesquisadores da área encontravam em codificar as cores do tema ou objeto fotografado na escala cromática entre branco e preto. Contudo, desde a data aproximada de 1840, há uma preocupação em aprimorar a sensibilidade dos filmes monocromáticos às colorações.

Em 1873 Hermann W. Vogel, fotoquímico alemão, descobriu do processo de sensibilizar o brometo de prata às radiações verdes e amarelas e em 1884, também às cor de laranja e vermelhas. Este processo, denominado sensibilização óptica, deu origem em 1873 às primeiras placas ortocromáticas (sensíveis a todas as radiações, excepto ao vermelho, e hipersensíveis à radiação azul). Ficaram assim lançadas as bases para a realização da fotografia a cores. (http://achfoto.com.sapo.pt/hf_6-3.html)

A produção do primeiro filme colorido ocorreu apenas em 1907, resultado de um longo processo de desenvolvimento da fotografia a cores. Contudo, “ainda hoje a fotografia colorida não alcançou a definição da escala de tons que a sensibilidade do filme preto e branco possui.”⁴.

No ano de 1946, a empresa Eastman-Kodak lança o *Ektachrome*, “filme a cores cuja particularidade era que podia ser revelado por qualquer pessoa em câmara escura.”⁵. A partir dessa data, a fotografia colorida começa a passar por um processo de popularização, e as imagens em preto e branco passam a ser mais uma escolha pessoal e estilística do que uma obrigação tecnológica:

(...) quando a fotografia colorida se popularizou, por volta de 1970, o preto e branco perdeu seu monopólio, ficando restrito a um primeiro grupo que continuou usando o preto e branco por este ter um custo baixo em relação ao colorido; um segundo grupo tradicionalista que não aceitava mudanças e finalmente a um terceiro grupo que permaneceu usando o preto e branco por opção, o que leva a concluir que o fim do monopólio do preto e branco foi na verdade sua libertação. O preto e branco passou de limitação técnica a opção estética. (VANUCCHI, 2013, p.3)

Dessa forma, ainda existem fotógrafos que optam em fazer registros monocromáticos, seguindo as mais variadas motivações. Um exemplo disso é o consagrado profissional brasileiro Sebastião Salgado, contemporâneo à era digital, mas que tem preferência pela fotografia analógica e em preto e branco. Para ele, “todos nascem com uma luz. A minha vem

⁴ Fotografia. **InfoEscola**. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/artes/fotografia/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

⁵ Origens e Evolução da História da Fotografia. **História da Fotografia**. Disponível em: < http://achfoto.com.sapo.pt/hf_6-3.html>. Acesso em: 28 jan. 2014.

da infância, do que vi em Minas Gerais e no Espírito Santo, onde passei minha juventude. Já fotografei bastante com cor, mas hoje procuro não fazer, não sinto saudade. Para falar a verdade, nunca as compreendi, nem gostei. Em preto e branco observo melhor o sentimento de uma fotografia.”. E em uma entrevista, revela: “no momento em que eu presto mais atenção ou me preocupo com a cor, como na camiseta vermelha de uma garota, posso ter perdido o mais importante, a sua expressão”⁶.

Longe de serem imagens sem vida, sem variedade ou sem sentido, as imagens em preto-e-branco fazem parte do mundo físico visual como “chaves” ou partes integrantes da construção perceptiva cromática em cada indivíduo, fazendo explodir cores subjetivas e particulares, sendo por isso muito mais brilhantes e misteriosas que as cores fisicamente fixadas nas imagens (SILVEIRA, 2005, p. 4).

Assim, a fotografia em preto e branco ainda seduz e encanta tanto espectadores quanto profissionais da área, já que, quando tiramos as informações das cores nas imagens, obrigamos o espectador a observar mais tempo a foto, levando-o a buscar o verdadeiro conceito e sentido desta (VANUCCHI, 2013).

4.3 Fotojornalismo

A fotografia - sendo uma área ampla e diversificada - pode-se dividir em inúmeros vertentes, de acordo com sua temática e abordagem – como, por exemplo, a fotografia publicitária, de moda, de natureza, etc. Na comunicação social, a área fotográfica que mais é explorada pelos profissionais é o fotojornalismo.

Fotojornalismo [é] a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes. (SOUSA, 1998, p. 5)

O fotojornalismo, portanto, refere-se às imagens fotográficas que possuem um alto caráter informativo e, quando anexadas a um texto jornalístico (notícia, reportagem e outros formatos textuais), tem por objetivo acrescentar e complementar as informações contidas na

⁶ Sebastião Salgado adere à fotografia digital e mostra projeto ‘Gênesis’ em São Paulo. **Folha de São Paulo On Line**. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/09/1336798-sebastiao-salgado-adere-a-fotografia-digital-e-mostra-projeto-genesis-em-sp.shtml>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

matéria. Assim, a informação clara, coesa e objetiva difundida pela imagem são as principais metas de um fotojornalista.

“O texto não verbal conquista a mesma importância que o texto verbal para imprimir sentidos no imaginário do leitor.” (MEDEIROS, 2013). Dessa forma, a área ganha sua importância na medida em que revela, por meio de imagens, a realidade cotidiana que é abordada no jornalismo.

Para Souza, é necessário entender em que sentido os conceitos de fotojornalismo e fotodocumentário se afastam, já que diversas vezes eles são confundidos. Segundo ele,

Enquanto o fotojornalista tem por ambição mais tradicional "mostrar o que acontece no momento", tendendo a basear a sua produção no que poderíamos designar por um "discurso do instante" ou uma "linguagem do instante", o documentalista social procura documentar (e, por vezes, influenciar) as condições sociais e o seu desenvolvimento. Mesmo que parta de um acontecimento circunscrito temporalmente, o documentalista social tende a centrar-se na forma como esse acontecimento revela e/ou afecta as condições de vida das pessoas envolvidas. (SOUSA, 1998, p. 5)

4.4 Fotodocumentário

A técnica de documentar fatos por meio de fotografia se consolidou nos anos 1930, nos Estados Unidos, logo após o surgimento do fotojornalismo. Como fotodocumentaristas célebres, podemos citar nomes como os de Jacob Riis, Eugene Smith e Lewis Hine. O objetivo do documentalismo social, então, seria a abordagem de temas sociais de forma mais profunda, buscando os sentidos de quaisquer acontecimentos que interferem na vida social, de modo a esclarecer e informar o público pretendido (SOUSA, 1998).

A fotografia documental tem como proposta narrar uma história por meio de uma seqüência de imagens. Com sua especificidade centrada na aliança do registro documental com a estética, ela assume a função de fazer a mediação entre o homem e o seu entorno. É, portanto, problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão. (LOMBARDI, 2008, p. 3)

A diferença essencial contida nesta modalidade consiste no desenvolvimento do trabalho a ser realizado: é necessária a pesquisa prévia do assunto a ser tratado, além da exigência de se traçar uma abordagem e se desenvolver uma relação com aqueles a serem retratados nas imagens (LOMBARDI, 2007). Tais aspectos particulares do fotodocumentário foram obedecidos durante a elaboração deste projeto, já que houve um estudo prévio sobre a

comunidade do Buieié, e, posteriormente, um envolvimento de minha parte com o grupo pesquisado.

Em relação ao conceito de fotodocumentário, Ana Carolina Santos acredita que o formato permite maior liberdade de interpretação e expressão do fotógrafo, já que este não precisa, necessariamente, estabelecer conexões concretas que fiquem evidentes na imagem; a ele é dada a oportunidade de reinterpretar e ressignificar a realidade segundo sua própria percepção, seus valores e suas experiências. Dessa forma, ele oferece ao espectador “menos ‘o fato em si mesmo’ do que a sua manifestação ou revelação singularizada em uma experiência particular vivenciada pelo documentarista.” (SANTOS, 2012).

Além disso, as realidades apresentadas pelo fotodocumentário devem obedecer a alguns critérios, estes de acordo com a mensagem que é difundida pelas imagens:

O fotodocumentarismo pode, então, abarcar diferentes modos de representação. Por um lado mais participativo, ele pode ser usado para defender os ideais civis, denunciar, compor discursos políticos e apontar as divergências da sociedade. Pode também ser utilizado pelos fotógrafos para descrever o cotidiano, retratar as experiências da vida comum ou documentar algo que está desaparecendo. Muitas vezes, os fotodocumentaristas estão simplesmente buscando novas formas de ver e retratar o mundo. Eles vão trazer, de seus repertórios culturais, ferramentas que os ajudem a elaborar uma linguagem própria de expressão. (LOMBARDI, 2008, p. 10)

Torna-se necessário, então, ressaltar que o livro produzido neste trabalho segue tais aspectos, na medida em que tanto aponta as dissonâncias sociais presentes na comunidade quilombola retratada, como revela a experiência de vida humilde, mas feliz, do personagem principal.

Contudo, para que um determinado produto seja considerado como parte desta categoria fotográfica, é essencial que as fotografias apresentadas sejam complementadas por textos, que

se caracteriza[m] por transmitir informações que não estão diretamente presentes na foto, mas que auxiliam a observação. O fotodocumentário que deseja transmitir o seu relato de forma clara precisa utilizar mais do que legendas, mas textos que possam humanizar o trabalho e explanar maiores dados. (LIMA, 1989, p.5)

Dessa forma, por refletir e obedecer aos critérios básicos do fotodocumentário, o livro *João Lourindo: Raiz do Buieié* se adequa e se insere neste formato, trazendo fotografias e

textos que buscam apresentar e provocar reflexões acerca do dia a dia e da vida deste homem, bem como revelar aspectos da comunidade que o rodeia.

4.5 Jornalismo Literário e Perfil Literário

A história do jornalismo foi profundamente marcada pela relação que este desenvolveu com a literatura. De acordo com Felipe Pena, o período de maior confluência entre essas duas vertentes comunicativas foi durante os períodos considerados por Marcondes Filho como Primeiro (1789 a 1830) e o Segundo Jornalismo (1830 a 1900).

Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não só comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura. (PENA, 2006, p. 28)

Escritores famosos e consagrados, como Balzac e Victor Hugo, são considerados como precursores na veiculação de conteúdos puramente literários em veículos jornalísticos. Contudo, é preciso ressaltar que os textos produzidos por estes autores não se encaixam no que atualmente é chamado de jornalismo literário, já que eles eram, em sua maioria, textos ficcionais.

Segundo Mateus Passos e Romulo Orlandini, o jornalismo literário é uma junção, em termos de estrutura e discurso, entre o jornalismo e a literatura. Ou seja, é “um conjunto composto por diferentes categorias textuais e gêneros discursivos, que não se configura como pertence ou variação do jornalismo predominante, mas um modelo paralelo e oposto, composto de suas próprias variações de modalidade.” (PASSOS e ORLANDINI, 2008).

Felipe Pena conceitua essa modalidade jornalística como ampla, já que ela não apenas rompe com a lógica da redação ou somente permite que o profissional consiga treinar sua habilidade literária. Segundo o autor, essa vertente:

significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as barreiras burocráticas do lide, evitar os definidores primários, [fontes oficiais dos jornalistas, como governadores e advogados] e, principalmente, garantir profundidade e perenidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 13)

Dessa forma, o profissional que irá desenvolver suas produções nessa área não deve esquecer-se dos preceitos oferecidos pelo jornalismo – como a apuração atenta e cuidadosa de dados -, mas sim utilizá-los de forma estratégica e renovadora. Além disso, essa forma alternativa de se escrever possibilita que a contextualização das informações seja realizada de forma mais profunda daquela feita no trabalho diário e frenético das redações.

Outro fator importante do jornalismo literário é que o escritor não precisa se esconder sua subjetividade e singularidade por detrás da chamada objetividade. Com essa isenção do próprio autor no texto, “falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa.” (PENA, 2006). Assim, o jornalismo literário se configura não em sentenças objetivas, mas sim em palavras recheadas da subjetividade do autor (PASSOS e ORLANDINI, 2008).

Por fim, uma contribuição essencial é o rompimento dessa vertente com a atualidade e a periodicidade, fatores primordiais da mídia tradicional, já que o jornalista não está engessado no horário de fechamento das edições – momento em que deveria apresentar sua produção já finalizada – nem deve estar preso à novidade em relação ao tema que escolheu para escrever. Seu objetivo é ir além desses aspectos, “ultrapassar estes limites e proporcionar uma visão ampla da realidade.” (PENA, 2006).

Assim, o jornalismo literário oferece um novo fôlego e uma nova possibilidade ao exercício desses profissionais, permitindo que estes possam exercer sua capacidade criadora, mas nunca perdendo de vista o preceito básico da área: fatos e informações exaustivamente calcadas na realidade.

Uma das inúmeras vertentes desse gênero jornalístico são os perfis, que se distinguem das biografias, já que estas desenvolvem toda a história de vida do personagem, enquanto os primeiros optam em retratar apenas alguns momentos marcantes da trajetória dessa pessoa (VILAS BOAS, 2003). Assim, os perfis podem ser considerados como narrativas biográficas de curta duração, com enfoque a uma pessoa, o protagonista de sua própria história. Outra característica singular dos perfis é a sua natureza autoral, pois “as experiências pessoais de um repórter [...] se confundem com a temática que [ele] estiver trabalhando.” (VILAS BOAS, 2003):

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILAS BOAS, 2003, p.14)

Dessa forma, pode-se inferir que o texto sobre João Lourindo produzido no livro deste projeto se encaixa na categoria de perfil, ao utilizar a linguagem jornalístico-literária para aproximar o leitor da experiência do personagem retratado, narrando alguns episódios de sua vida e dissertando sobre sua personalidade marcante e humilde.

5. METODOLOGIA

5.1 Técnicas

Na primeira etapa deste trabalho, com a finalidade de melhor compreender o tema selecionado, elaborou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a comunidade do Buieieí - a qual, segundo Valdete Boni e Sílvia Quaresma, se refere a “um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes.”. Dessa forma, foram lidos artigos acadêmicos e dados oficiais sobre o lugar, além de textos que abordam as técnicas jornalísticas utilizadas na confecção do livro fotodocumental.

Após isso, foi realizada uma pesquisa de campo no Buieieí, que objetivava a primeira seleção dos personagens a serem retratados no livro, bem como se buscava mais informações sobre a comunidade.

A técnica utilizada para tal finalidade foi, sobretudo, a *Observação Participante*, que se deu por meio da imersão e do acompanhamento que fiz no cotidiano dessas pessoas. Esta metodologia consiste em

estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca. Os pesquisadores são levados a compartilhar os papéis e os hábitos dos grupos observados para estarem em condição de observar fatos, situações e comportamentos que não ocorreriam ou que seriam alterados na presença de estranhos. Ou seja, um dos pressupostos da observação participante é o de que a convivência do investigador com a pessoa ou grupo estudado cria condições privilegiadas para que o processo de observação seja conduzido e dê acesso a uma compreensão que de outro modo não seria alcançável (MARTINS, 1996, p. 5).

Além disso, Licia Valladares⁷ ressalta a importância da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado na Observação Participante: “As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado.”. Outro aspecto ressaltado por ela é o desconhecimento, por parte do pesquisador, da imagem de si próprio que é formada pelo grupo pesquisado. “Seus passos durante o trabalho de campo são conhecidos e muitas vezes controlados por membros da população local. O pesquisador é um observador que está sendo todo o tempo observado.”.

Dessa forma, essa participação se mostrou essencial para que se conhecesse melhor o Buieie e seus residentes, e, posteriormente, fosse selecionasse um único personagem, mas que possui a capacidade de apresentar, sozinho, as características mais singulares e admiráveis da comunidade, observadas durante a pesquisa.

Outra técnica da qual se fez uso no trabalho foi a entrevista, realizada, em primeiro momento, com diversos moradores do lugar, e, mais tarde, com João Lourindo. Como afirmam Fontana e Frey (1994), a "entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana". Tendo isso em vista, o método foi de extrema importância para a obtenção das informações presentes no perfil jornalístico de vertente literária e para o próprio registro das imagens, sendo que ambos buscaram alcançar um relato jornalístico fiel e sensível àquela realidade.

O procedimento conhecido como *História Oral* também se mostrou de grande valor para coleta de informações e a produção do texto sobre João Lourindo, apresentado no livro. De acordo com Freitas, esta técnica faz uso da entrevista e da articulação de outros métodos para documentar as experiências humanas.

Definida por Allan Nevis como “moderna história oral” devido ao uso de recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento: “O mínimo que podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia de jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta.” (FREITAS, 2006, p. 18)

⁷ VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **SciELO**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012>. Acesso em: 10 jan. 2014.

Segundo Alessandro Portelli, o indivíduo entrevistado desempenha um papel fundamental na História Oral, pois os fatos narrados por ele são moldados de acordo com suas experiências e recordações pessoais:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças (PORTELLI, 1997, p. 4).

Freitas também afirma que esta metodologia pode ser dividida em três gêneros diferentes: a tradição oral, a história de vida e a história temática. No caso desse trabalho, o gênero utilizado foi a história de vida, na qual “é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo. Esse relato [...] pode abranger a totalidade da existência do informante.” (FREITAS, 2006).

A pesquisa desenvolvida neste trabalho teve uma duração de cerca de 4 meses. Dessa forma, buscou-se compreender os moradores do Buieieí, a relação desenvolvida por eles com a comunidade, mas, sobretudo, a personalidade e a rotina de João Lourindo, com a finalidade de captar de forma fiel e atenta a realidade do personagem.

Tendo em vista o fato de que o livro é predominantemente fotográfico, teve-se, como objetivo fundamental, o registro da rotina, do ambiente doméstico, do trabalho e da própria personalidade desse homem por meio de imagens. Dessa forma, os enquadramentos, ângulos e cenários das fotos foram pensados de modo a transmitir visualmente a essência do dia a dia e da individualidade de João, tendo como enfoque principal a simplicidade, honestidade e simpatia que o caráter dele possui.

Detalhes como os pés, a vassoura feita com folhas de árvores, o fogão à lenha e os ofícios diários do morador conduzem o leitor ao universo no qual o personagem está inserido, como mostram as figuras 1, 2, 3 e 4.

Exemplos:



Figura 1 – Detalhe da vassoura confeccionada com folhas do quintal de João.

Fonte: Dados de Pesquisa



Figura 2 – Detalhe dos pés sempre descalços do morador do Buieió.

Fonte: Dados de Pesquisa



Figura 3 – Fogão à lenha na casa de João.

Fonte: Dados de Pesquisa



Figura 4 – João corta a lenha que alimenta o fogão da casa.

Fonte: Dados de Pesquisa

O perfil sobre o morador apresentado no livro assume uma linguagem literária, mas sem perder a referência jornalística, e assume-se como uma forma de complementar e ampliar as informações evidenciadas nas fotografias, narrando detalhes e fatos da vida de João Lourindo que não puderam ser expressos visualmente.

5.2 Equipamento

Para a produção deste trabalho, a escolha dos equipamentos a serem utilizados se deu, sobretudo, pela priorização da qualidade em relação àquilo que iria ser documentado. Dessa forma, algumas entrevistas foram gravadas utilizando-se o gravador Sony de 2 GB, enquanto outras foram realizadas de maneira oral, nas quais fez-se uso apenas de um caderno de anotações e caneta.

Na realização das fotografias foi utilizada a câmera digital Nikon SLR D3100, acompanhada da lente NIKKOR 18-55 mm f/3.5-5.6.

5.3 Edição

Durante a montagem do livro, utilizou-se o Hardware, Laptop LG. Os programas de edição usados foram o *Adobe Indesign CS5*, para a confecção e diagramação do livro; o *Adobe Photoshop CS5*, para o tratamento final das imagens produzidas; e, por último, para a confecção dos textos, usou-se o *Microsoft Office Word 2010*.

6. RELATÓRIO TÉCNICO

6.1 Pré-produção

Depois de tomar a decisão acerca da temática a ser retratada pelo fotodocumentário, dei início ao período de pesquisa bibliográfica e coleta de dados que dariam suporte teórico ao meu trabalho experimental. Dessa forma, estudei e consultei artigos acadêmicos que tratassem sobre fotografia, sua vertente jornalística e o aspecto documental que esta pode assumir.

Além disso, tentei encontrar trabalhos e documentos sobre a comunidade do Buieieí na internet, mas as informações com as quais me deparei eram confusas e escassas. Assim, comecei uma verdadeira “caçada” em busca dos dados sobre o local nos órgãos públicos e oficiais da cidade. Com o objetivo de saber um pouco mais sobre a história da comunidade e sua população e situação atuais, visitei a prefeitura, os dois CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) municipais e o Colégio Viçosa (lugar no qual funcionam diversos departamentos administrativos da cidade).

Contudo, minha busca se mostrava frustrada, já que após várias tentativas de obter algum conhecimento sobre meu objeto de estudo, eu sabia tanto sobre ele quando comecei meu trabalho. Ou seja, quase nada. Só consegui encontrar alguns dados populacionais sobre o

Buieie no Departamento de Agricultura de Viçosa, que se responsabiliza pela área rural da cidade. Em relação à história e origem da comunidade quilombola, consegui-os em trabalhos acadêmicos realizados, em sua maioria, por estudantes e professores da Universidade Federal de Viçosa.

Minha primeira visita oficial ao Buieie ocorreu no dia 22 de outubro de 2013 (terça-feira), em uma tarde ensolarada e quente. Fui ao local de carro, já que os horários oferecidos pelos ônibus que levam ao local são extremamente escassos durante dias úteis e ainda menos frequentes nos finais de semana.

Chegando à comunidade, considerei anormal o pouquíssimo movimento de indivíduos no lugar. Conversando com alguns moradores entendi o porquê disso: durante a semana, muitas pessoas saem cedo do local para trabalhar em Viçosa ou em regiões próximas ao Buieie, e retornam apenas quando o sol já está se pondo. Dessa forma, escolhi realizar as minhas inserções no lugar durante sábados, domingos e feriados, com o objetivo de encontrar uma presença mais ativa e contínua dos moradores na comunidade.

Ao abordar os residentes do local, observei certo receio por parte deles quanto à minha presença e minha finalidade. Assim, para cada pessoa com a qual eu conversava, eu explicava meu trabalho nos mínimos detalhes e alertava que as minhas visitas seriam rotineiras, para que eu pudesse estabelecer com aqueles moradores uma relação de confiança e respeito.

Logo, então, eu já era conhecida e reconhecida na comunidade, e rapidamente pude contar com o apoio de diversas dessas pessoas para a elaboração do meu projeto. Inicialmente, minha ideia era selecionar alguns moradores do Buieie e registrar, por meio de textos e imagens, aspectos particulares de suas rotinas e de suas vidas, com o intuito de produzir um panorama geral da vivência diária no lugar.

Dessa forma, em minhas conversas com essas pessoas, eu pedia que elas me indicassem personagens que soubessem sobre a história e a construção da comunidade ou mesmo aqueles que eram considerados “figuras-chave” no grupo, com o intuito de selecionar as personalidades do livro e obter informações sobre o Buieie. E, assim, um nome específico foi repetidamente citado: João Lourindo, um dos moradores mais velhos do local, e tido, por muitos, como uma pessoa essencial e marcante da localidade.

Então, após conhecer mais sobre João, e ter podido ver de perto a forma como esse homem vive e encara a sua realidade, decidi dar um novo rumo ao trabalho, e torná-lo protagonista dessa história. Tal decisão não se justifica apenas pela relação ímpar que eu desenvolvi com o morador, mas também, e principalmente, pelo fato de ele, sozinho, reunir os aspectos mais únicos e comoventes que eu pude observar haver na comunidade do Buieié: a simplicidade e o acolhimento extraordinários, a forma leve de encarar a vida e até mesmo as constantes dificuldades e o apreço pelo território em que vive.

6.2 Produção

As primeiras fotografias do trabalho foram realizadas no mesmo dia em que aconteceu a primeira visita ao Buieié (22 de outubro). Contudo, foram feitas apenas algumas imagens – seis, para ser exata - sobre o ambiente e a região que cerca a comunidade. Meu objetivo era, antes de tudo, conhecer melhor as famílias e o lugar antes de começar realmente a fotografar.

Dessa forma, apenas a partir da minha quarta imersão no local que eu me dediquei de fato à produção das imagens. Antes disso, eu foquei, sobretudo, em conversar com os moradores, compreender sobre a situação em que vivem e ouvir sobre suas histórias e trajetórias. Então, somente no dia 3 de novembro comecei a produzir fotografias que retratavam os personagens do lugar. Maria Helena Mateus e seus cinco filhos foram a primeira família a ser registrada, trabalho este que rendeu 35 imagens (o número real foi superior a este, mas foram descartadas as fotos com perda de foco, iluminação indesejável, etc).

Entretanto, não fiquei completamente feliz e satisfeita com o resultado dos registros feitos nesse dia. Dessa forma, voltei à casa de Maria Helena no dia 17 de novembro, e desta experiência consegui obter 562 imagens, mesmo após descartar algumas destas. Nesse mesmo dia, fiz fotos também das netas da Dona Isabel – senhora com a qual eu havia conversado no meu primeiro dia na comunidade –, duas crianças extremamente espertas e carismáticas. Delas, foram registradas 66 imagens.

No dia 24 de novembro, eu decidi fazer fotos sobre o principal ponto de encontro e lazer da comunidade, o Bar e Mercearia do Doca, localizado na entrada da comunidade. Apesar de não apresentar grande movimento de pessoas – como eu havia visto uma semana antes – eu decidi registrar o lugar. Além disso, fiz fotos da proprietária, uma jovem chamada

Amanda, esposa do homem que dá nome ao bar. No dia 1º de dezembro, assim que cheguei ao Buieié, fui parada por inúmeras crianças que brincavam na rua e, ao me virem com a câmera na mão, pediram que eu tirasse fotos deles. Foram 46 imagens sobre sete crianças.

Neste dia, eu finalmente consegui ir à casa do “seu” João (eu havia tentado visitá-lo inúmeras vezes anteriormente, mas nunca o encontrava na residência). E, como dito anteriormente, depois de conversar e conviver um pouco com esse senhor, vi que ali estava a perspectiva que eu tanto desejava abordar neste trabalho.

Nessa primeira visita, foram registradas 80 fotos, que retratavam João Lourindo e sua casa. Além disso, houve uma entrevista oral com o morador, sem uso de gravador ou mesmo um caderno de anotações, que abordou assuntos tanto relacionados ao Buieié quanto fatos da vida do próprio personagem. Meu objetivo era, antes de tudo, apenas conhecer um pouco mais sobre aquela pessoa.

A segunda visita ocorreu no dia 15 de dezembro e rendeu novamente 80 imagens. A partir dessa data eu me concentrei em conversar com “seu” João sobre sua história e sua relação com a comunidade, me preocupando também em registrar – fosse por meio de gravador ou caderno – as informações que ele proferia. Eu elaborei questões pré-definidas, mas tentei deixá-lo o mais livre possível para que ele mesmo selecionasse os aspectos mais importantes e singulares de sua vida.

No dia 16 de janeiro aconteceu mais uma visita, resultando em 338 fotografias e mais informações, usadas no perfil literário sobre o morador. Fiquei bastante satisfeita com o resultado das imagens feitas nessa data – que se tornaram a maioria predominante no livro.

Em 20 de janeiro eu fui à casa de “seu” João com uma missão especial: não apenas documentar a rotina dele, mas também participar de uma novena em homenagem a São Sebastião, organizada por ele e alguns amigos e parentes. Foi uma experiência extremamente prazerosa e bonita, que fez com que eu sentisse que eu realmente possuía o afeto e a consideração dele.

Nessa visita, eu cheguei ao Buieié em um horário um pouco mais tarde do que costumava ir (geralmente às 14 horas, e nesse dia às 18 horas), já que a novena começaria apenas às 19 horas. Com o prazo de uma hora até que as orações se iniciassem, eu consegui

fazer alguns registros de “seu” João e de sua casa, além de tê-lo ajudado na preparação do altar improvisado na sala da casa. Foram feitas imagens também da novena, que abordavam a devoção religiosa do personagem, o que somou um total de 69 fotografias.

Após analisar todas as fotos feitas, decidi, juntamente com a minha orientadora, que elas eram suficientes para compor o livro e não havia necessidade de fazer outros registros. Contudo, no dia 30 de janeiro voltei ao Buieié para tirar algumas fotos panorâmicas da comunidade – que seriam usadas no primeiro capítulo do livro – e fiz uma breve visita ao “seu” João, com o único objetivo de vê-lo e saber como ele estava. Como de costume, fui extremamente bem recebida por ele e convidada a ficar por mais tempo. Esta, então, foi minha última ida com objetivos acadêmicos à comunidade, resultando em 36 imagens sobre o lugar. Todavia, pretendo voltar algumas vezes ao Buieié, sobretudo com a intenção de visitar João Lourindo, já que desenvolvemos uma relação de verdadeira amizade e apreço mútuos durante a elaboração desse trabalho.

6.3 Fotografias

Antes de modificar a direção do meu projeto, foram produzidas 822 fotografias, que retratavam não apenas os moradores do Buieié, mas também a paisagem e aspectos inanimados (fachadas de casas, por exemplo) do lugar, sendo que todas as imagens foram feitas em cor. Nenhuma destas entrou no livro, mas decidi dar um retorno singelo às famílias registradas, entregando a elas algumas cópias impressas das fotografias realizadas para que elas pudessem guardar como lembrança.

Depois, tendo decidido fotografar apenas o senhor João Lourindo, mas também fazer uso de algumas imagens do Buieié, foram feitas 653 fotos, todas já registradas em preto e branco. A pré-seleção das fotografias que entrariam para o livro ocorreu no dia 15 de janeiro, e, nesta, tentei seguir critérios-chaves para o meu trabalho: a riqueza estética e de informação. Como resultado disso, foram escolhidas cerca de 80 fotos, que novamente sofreram um processo de seleção realizado por mim e minha orientadora no dia 21 de janeiro.

Restaram, assim, 59 imagens que seriam retratadas no livro, mas, ao final da produção gráfica do mesmo, 9 destas imagens foram deixadas de fora, por motivos estéticos de diagramação. A escolha das imagens se deu de acordo com a narrativa visual pretendida pelo livro: abordar a rotina e a personalidade do “seu” João.

No livro, o capítulo “A Raiz do Buieie” traz imagens em uma sequência que se preocupa, ao máximo, em ilustrar e confirmar as informações apresentadas no perfil do personagem. Já na parte final do produto, intitulada de “João Lourindo revelado”, as imagens falam por si mesmas, não há presença de texto, e acabam revelando visualmente aspectos singulares e particulares da vida desse homem.

Após a seleção das fotografias, deu-se início ao processo de tratamento daquelas que foram escolhidas. O programa usado nessa etapa foi o *Adobe Photoshop*, e a edição foi feita de modo a ressaltar o contraste entre os tons das imagens, além de, em alguns casos, alterar o balanço de luz.

A escolha em adotar registros visuais monocromáticas se deve, sobretudo, aos critérios estético e pessoal: além de eu ser apaixonada por fotografia em preto e branco, acredito que esta realçaria ainda mais a expressão facial e a textura da pele do personagem, assim como impediria a distração visual, por parte do espectador, do(s) elemento(s) essencial(is) das imagens. Como afirma a fotógrafa brasileira Cláudia Ferreira, “A minha linguagem fotográfica é em preto-e-branco. Lembro-me do que o fotógrafo Zé Medeiros, de “O Cruzeiro”, dizia que tínhamos que ver a luz com simplicidade, a mais natural possível e minimalista. É assim que a vejo.”.

6.4 Texto

O texto elaborado para compor o livro fotodocumental possuem dois objetivos: a primeira parte, que discorre sobre a comunidade do Buieie e acompanha as fotografias sobre o lugar, tem a intenção de levar o leitor a conhecer um pouco mais sobre a comunidade na qual está inserida o personagem principal.

A segunda e principal parte do perfil foi criada com o intuito de revelar aspectos que não puderam ou acabaram não sendo abordados pelas fotografias. Dessa forma, este se concentra não apenas em tecer uma descrição física sobre “seu” João e sua casa, mas também narra fatos marcantes de sua vida e seu passado.

A escolha em optar por esse tipo de narrativa jornalística, o perfil, que utilizada a linguagem literária, se deve não apenas a uma preferência de estilo pessoal, mas justifica-se

também, e principalmente, pelo fato de tal formato gerar empatia e aproximação do leitor com os fatos e a personalidade retratados no texto.

6.5 Diagramação e Elaboração de conteúdo

O pré-projeto gráfico do livro foi iniciado no dia 7 de janeiro, data em que havia informações e imagens suficientes para que o conceito estético deste fosse elaborado. Com o objetivo de criar um projeto que valorizasse as fotografias apresentadas e ressaltasse aspectos importantes do trabalho executado, priorizou-se a simplicidade, mas, ao mesmo tempo, a elegância do visual do livro.

Dessa forma, há predominância das cores preta e branca em todas as páginas do livro, que fazem referência às fotografias monocromáticas. Detalhes de textos e títulos na cor vermelha criam maior interesse e impedem uma possível “monotonia visual” do produto. O processo de diagramação foi finalizado na última semana de janeiro.

6.6 Produto Final

O produto final apresenta 52 páginas, com a capa impressa em papel *couché* A3 e o restante das páginas em papel ofício A3, com um número total de 50 imagens. O livro possui 21,59cm X 35,56cm, tendo sido impresso na Arte Livros Copiadora. O custo de cada exemplar foi de R\$ 75,15.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção e o desenvolvimento desse trabalho me mostraram inúmeros desafios, ao mesmo tempo em que revelaram surpresas maravilhosas e gratificantes. A dificuldade que eu esperava encontrar era a falta de participação e uma possível rejeição da comunidade do Buieie diante do meu projeto. Contudo, esse receio foi completamente abandonado quando o grupo contribuiu, de forma sincera e efetiva, na criação deste livro.

Diante desse fato, me empolguei e me dediquei ao máximo para que o produto final realmente refletisse e fizesse jus àquelas pessoas tão receptivas. Com sorte, o maior problema encontrado na realização do projeto foi a distância física que separa o Buieie da zona urbana de Viçosa, obrigando que qualquer visita seja feita por meio da utilização de um carro ou ônibus.

É interessante perceber também como o livro acabou ganhando vida própria e seguindo um caminho que eu jamais imaginava - já que meu objetivo inicial era retratar diversas famílias e moradores da comunidade. Assim, ele acabou se moldando de forma mais delineada e fiel na medida em que eu compreendi melhor aquela realidade.

Posso dizer, com toda a certeza, que o resultado final superou minhas expectativas e que, por meio dessa experiência, eu pude realmente vivenciar e enfrentar os impasses e conflitos da profissão jornalística – aspecto este que acredito ter acrescentado em muito tanto a minha formação profissional quanto pessoal.

Por meio da construção do livro, pude experimentar de forma mais profunda gêneros informativos diversificados, aos quais não tive tempo de me dedicar completamente durante o restante da graduação.

Além disso, tive a oportunidade de conhecer pessoas admiráveis, como o “seu” João, que certamente modificaram a maneira com a qual eu vejo o mundo, ao revelarem uma perspectiva tão otimista e bem humorada, mesmo diante de grandes dificuldades. *João Lourindo: Raiz do Buieie* foi um aprendizado intenso e encantador, capaz de revelar que a vida só é pesada quando a encaramos dessa forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. **Lendo fotografias e produzindo sentido**. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13111> > Acesso em: 23 ago. 2013

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em 16 out. 2013.

FERREIRA, Márcio Carvalho C. **A influência africana no processo de formação da cultura afro-brasileira**. Disponível em: < <http://www.acordacultura.org.br/artigos/29082013/influ%C3%Aancia-africana-no-processo-de-forma%C3%A7%C3%A3o-da-cultura-afro-brasileira> >. Acesso em 16 out. 2013

FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. **O conceito de Ensaio Fotográfico**. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1511/0>>. Acesso em 10 dez 2013.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia.** São Paulo: Hucitec, 1985.

FONTANA, Andrea; FREY, James H. **Interviewing: the art of science.** In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research.* Thousand Oaks: Sage, 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações em imagens equivalentes.** Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudiaimagens-equivalentes.pdf>. Acesso em 20 jul 2013.

LIMA, Ivan. **Fotografia Brasileira: Realidade e linguagem.** Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros RJ, 1989.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário imaginário: novas potencialidades da fotografia documental contemporânea.** Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 2007.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea.** Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505/0>>. Acesso em 12 set 2013

MARTINS, João Batista. **Observação Participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar¹.** Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9472>>. Acesso em 15 dez 2013.

MEDEIROS, Gutemberg. **Tempo revelado: fotojornalismo e construção de sentidos.** Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13045/0>>. Acesso em 15 dez 2013.

MORAES, Rubens Nunes. **História, Imagem e Fotografia.** Disponível em: <http://www.revistahistorien.com/Historien8/Artigo10_RubensNunesMoraes.pdf>. Acesso em 20 jul 2013.

PASSOS, Mateus Iuri; ORLANDINI, Romulo Augusto. **Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário.** Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/download/335/139>>. Acesso em 10 out 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O jornalismo literário como gênero e conceito. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2013

PINTO, Neide Maria de Almeida; FIÚZA, Ana Louise Carvalho; MAGNO, Lucas... **Família, Identidades e Vínculo no meio rural: a comunidade negra do Buicé, MG.** Disponível em: <http://www.xxbed.ufc.br/arqs/public/t_18.pdf> Acesso em 10 out 2013.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em 15 fev 2014.

SANTOS, Ana Carolina Lima. **A fotografia entre documento e expressão: um estudo acerca da produção imagética de Pedro Meyer.** Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt10_ana_carolina_lima_dos_santos.pdf>. Acesso em 28 jul 2013.

SANTOS, Ana Carolina Lima. **O fotodocumentário para além da factualidade: o virtual como dimensão essencial da fotografia documental.** Ícone (Recife. Online), v. 14, p. 1-11, 2012.

SILVEIRA, Luciana Martha. **A cor na fotografia em preto-e-branco como uma flagrante manifestação cultural.** Disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/revistatecnologiaesociedade/rev01/rev01_artigo09.pdf>. Acesso em 10 jan 2014

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** São Paulo: Editora Grifos, 2000.

VANUCCHI, Elisângela de Oliveira. **Fotografia em preto e branco: arte, técnica e opção estética.** Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/1395/1182>>. Acesso em 24 nov 2013.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

Sites consultados:

Scientific Eletronic Library Online (SciELO): <http://www.scielo.br/>

Observatório Quilombola: <http://www.koinonia.org.br/>

Comissão Pró-Índio de São Paulo: <http://www.cpis.org.br/>

Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva: <http://www.cedefes.org.br>

Paróquia de São Silvestre: <http://www.paroquiasaosilvestre.xpg.com.br>

InfoEscola: <http://www.infoescola.com/artes/fotografia/>

História da Fotografia: http://achfoto.com.sapo.pt/hf_6-3.html

ANEXOS

ANEXO I

Autorização de Uso da Imagem



Universidade Federal de Viçosa

Departamento de Comunicação Social

Curso de Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____
_____, profissão _____, cpf _____, rg. _____,
residente à _____ cidade/uf _____,
cep. _____, tel. (____) _____, doravante apenas “autorizador(a)”, venho,
através da presente, **autorizar**, expressamente, a **Universidade Federal de Viçosa (UFV)** a
reproduzir, publicar, veicular, citar e exibir meu nome, minhas declarações e/ou minha
imagem no projeto experimental _____ **quantas**
vezes se fizerem necessários e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em
meio impresso e eletrônico (internet), em local, edição, tamanho a serem definidos a
exclusivo critério da autorizada.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em
qualquer custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa, ____/____/____

Assinatura

ANEXO II

CD com entrevistas realizadas em áudio